



22 DE AGOSTO DE 1971

ANO XVI • N.º 920

SUPLEMENTO DOMINICAL DE
«A PROVÍNCIA DE ANGOLA»
ESPECIALMENTE DEDICADO AS
CRIANÇAS E AOS JOVENS

O GALINHO DE BARCELOS

O galinho de Barcelos, muito ufano do seu barro e das suas cores, fora feliz até àquele dia.

Sim, que os objectos sem vida, também podem ser felizes cu ineli-

cima do guarda-loiça e o colocaram sobre uma prateleira. Ficou na mesma sala mas tudo mudou para ele nesse instante.

Onde foi posto podia ver por uma fresta da janela entreaberta o quintal. Que distração maravilhosa se lhe oferecia aos olhinhos parados, pintados de cor vermelha!

Foi assim que conheceu o Piloto, o cão da casa. Via as mulheres conversarem ou discutirem enquanto lavavam a roupa e tomou conhecimento com todo o galinheiro.

A agitação que tudo isto lhe provocou nem se calcula. Nunca mais o galinho de Barcelos voltou a ser o mesmo. Como conseguir ser o mesmo se agora conhecia muitas mais coisas e passava o dia sem dar por isso, tão distraído e alegre?

E a sua felicidade foi até mais longe; conseguiu mesmo travar conhecimento com o sultão do galinheiro! Calcule-se a sua alegria!

Pois é verdade. O Sultão gostava de fazer longos passeios pelos telhados e foi num desses passeios que os dois galos, tão diferentes entre si, travaram conhecimento.

— Julgava que os galos fossem todos como eu! — disse o Sultão surpreso.

— Os galos verdadeiros são-nos — confirmou o galinho de Barcelos. Eu só sou um galo a fingir. Sou de barro pintado e não tenho vida como tu. Sirvo únicamente de decoração, ao passo que tu...

— Eu decoro muito bem as mesas quando me coram com batatas...

— Cala-te! — gritou o galo de Barcelos — Que ideias tão trágicas!

O Sultão riu com desprendimento.

— Trágicas porquê? São verdadeiras. Sei que a vida de um galo está (Conclui na página 3)



zes. E aquele galo de Barcelos de arosas cores, fora sempre feliz e adorado, até ao dia em que o tiraram de

Por
MADI

Diz o
herincho
que...



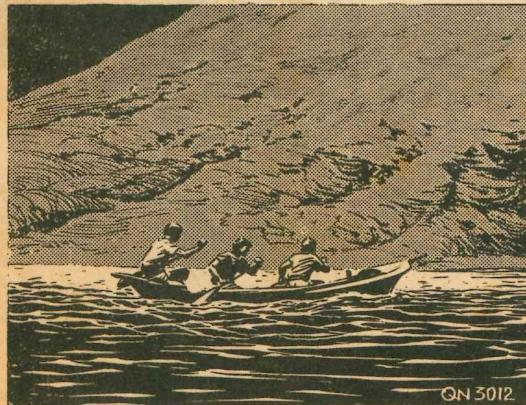
...que já tenho os livros de 2.º classe, mas fiquei assustado só ao ler as primeiras folhas, pois julguei que eram para o 1.º ciclo. Com tantas gramáticas e ciências, enfim..., cá para os meus 7 anos...

Comandante BONVENT

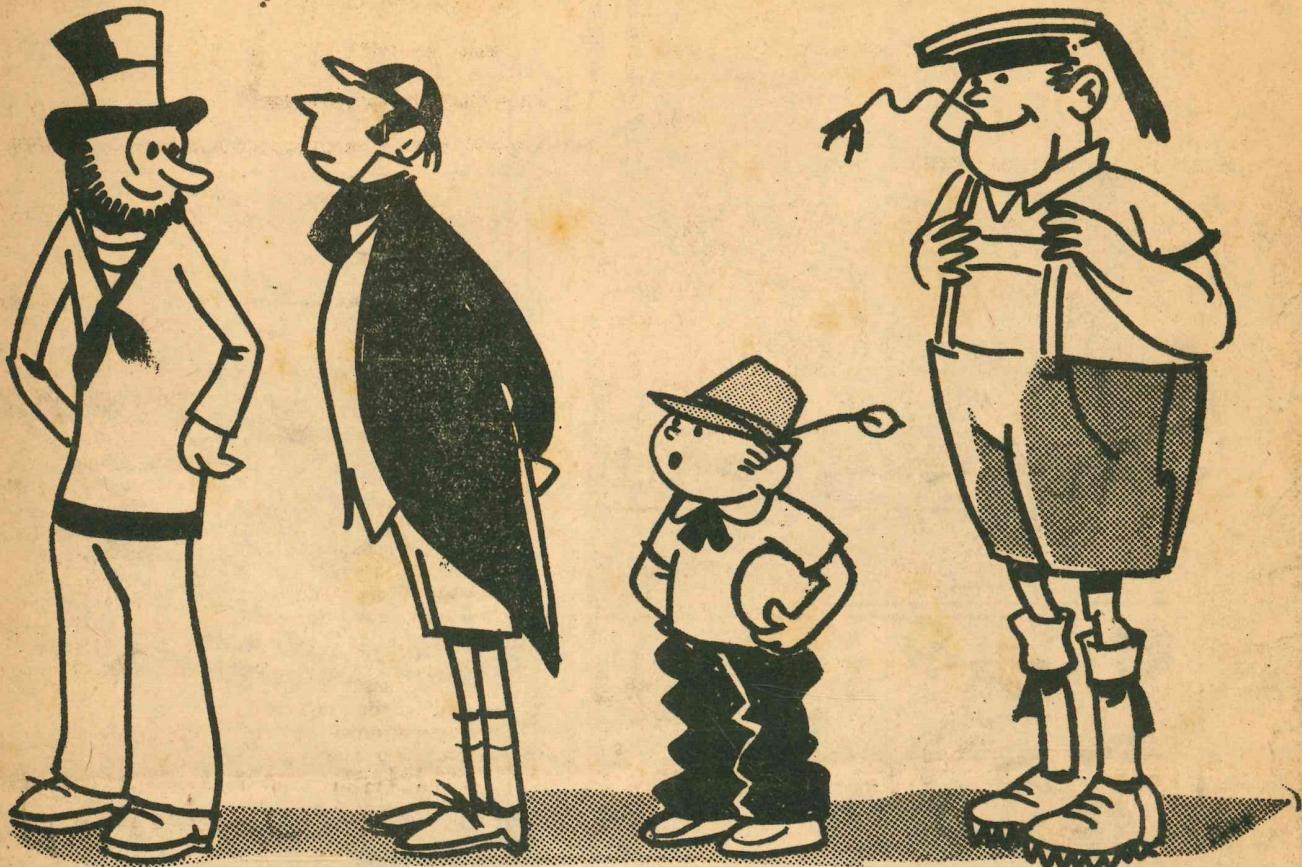
Os condores da Cordilheira dos Andes



Tsibe e Apoen narram então em pormenor o que sabem. Os índios de tribo Punyas habitam há muito a região; não são numerosos mas muito agressivos. As hostilidades começaram desde que os Punyas começaram a adorar um novo deus que, segundo eles, mora no interior do vulcão Arano. «Eles acreditam neste deus muito, muito poderoso», explica Apoen. «Deus faz sair todos os dias muitos condores da cratera e os índios Punyas adoram deus ao pé do vulcão...» Eddy e Bonveni olham-se em silêncio... sabem muito bem o que é este misterioso deus que os índios adoram! É evidente que o quartel-general de Lupardi não está longe. Mas Bonveni e Eddy não sabem que os índios Punyas os assinalaram há já algum tempo e que se aprontam agora para atravessar o lago...



Os índios Punyas atravessam rapidamente o lago em canoas e dirigem-se para o local onde os rochedos formaram um pouco a forma dum círculo. É ali que adoram o seu deus. Ajoelhando-se, levantam os braços para o cume do vulcão e gritam: «Oh, poderoso senhor do Arano, criador das aves do céu, os vossos servidores têm qualquer coisa para vos dizer: senhor, respondei-nos para que saibamos que nos escutais! Falai, mestre, elevai a vossa voz!» A princípio, não aconteceu nada... Sómente o barulho do vento quebra de vez em quando o silêncio e os índios aguardam, prostrados na poeira. De repente, dir-se-ia da própria rocha, uma voz faz-se ouvir! E a voz fala-lhes no dialecto Punyas...



Houve uma ligeira confusão. A empregada do bengaleiro trocou os chapéus a estes senhores. Vamos pôr tudo na ordem: ao tirolês o que é do tirolês, ao menino o que é do menino e por aí fora...

O GALINHO DE BARCELOS

(Conclusão da pág. 1)

condicionada a esse fim. Tu, ao menos...

— Eu? Eu estou condenado à imobilidade e haverá coisa mais triste que isso? Como gostaria de ser como tu. Fui sempre feliz antes de conhecer o mundo que palpita lá fora, mas agora é que vejo quão irritária é a minha vida.

— Mas todos te admiram, és um objecto típico de muito apreço:

— Mas gostava de ser um galo verdadeiro. Um galo como tu — disse cheio de tristeza o galincho de Barcelos. — Podes saltar pelos telhados, cantar, comer e andar por aqui e por ali, contactar com outros animais.

— Pois eu preferia ser feito da tua matéria — lamentou-se o Sultão — teria uma longa vida à minha frente e não sentiria o horror que sinto às batatas e aos temperos.

O galincho de Barcelos riu-se do alto da sua prateleira.

— Dizes isso só para eu não me sentir infeliz na minha condição, mas olha que gostava muito de estar no

teu lugar, posso ter a certeza que não entristeria com pensamentos fúnebres.

O Sultão já não o ouvia. Corria por sobre o telhado disposto a saltar à chaminé, para dali, como um rei, cantar bem alto, mas enquanto o fazia, pensava para si: «que objecto idiota».

Desde esse dia, o galincho de Barcelos nunca mais pôde deixar de pensar no Sultão, de lhe invejar a vida. As suas penas amarelas e brilhantes encantavam-no. A sua crista a dar a dar. Os olhos que mexim para aqui e para ali, irrequietos, o seu canto!

— Ele sim é que é um galo, eu sou apenas um fingimento muito mal feito, de cor vermelha, ainda por cima e com desenhos a cores, se já se viu um galo tão garrido e idiota como eu!

As horas passava-as agora a espreitar o Sultão, a invejá-lo e a lamentar nunca mais ele o ter ido visitar.

Uma manhã, surpreendeu-se por não ouvir o seu canto, nem o ver, lá em baixo, no galinheiro. Levou a manhã inteira a espreitar pela janela mas sem resultado.

Às bater o meio-dia, porém, mesa posta para o almoço, algo aconteceu que veio afectar toda a sensibilidade da barro com que fora feito aquele gracioso galo às cores: dentro de uma travessa, muito composto, estava um galináceo assado, muito digno da sua posição, que não podia ser outro senão o seu amigo!

Pobre Sultão!

E pobre galincho de Barcelos! Ele que vivera tanto tempo na maior paz, desconhecendo o mundo, sem ter amigos, sem ver mais que os trastes da casa, sofria o seu primeiro grande desgosto!

Ao mesmo tempo aprendia uma lição que lhe ia servir para o resto da sua longa vida. Daí para a frente contentar-se-ia com a sua sorte, que não era nada má, e, se não deixasse de se interessar pelo mundo exterior, ia pelo menos não permitir que ele o influenciasse. Era um galo de barro e assim queria continuar a viver. Afinal a sua vida não era nada má, era admirado e podia até orgulhar-se das suas cores.

MADI

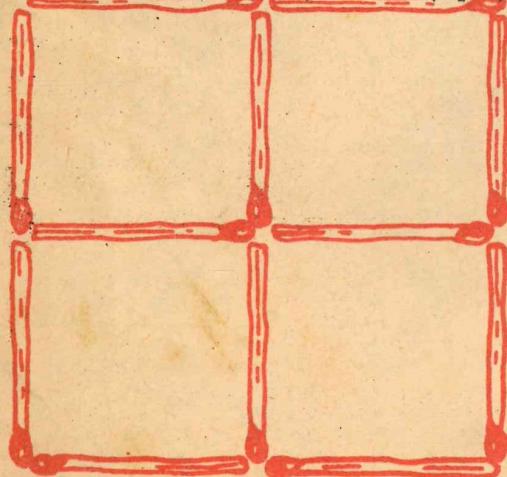
PASSAT



BCOSIR
NOSIR
OREUS

NAUFRAGO

Este pobre naufrago deu à costa numa ilha deserta, onde vai passar vários anos. Sabem quem é? É fácil, se ordenarem convenientemente as letras (Solução noutra página).



QUEBRA-CABEÇAS

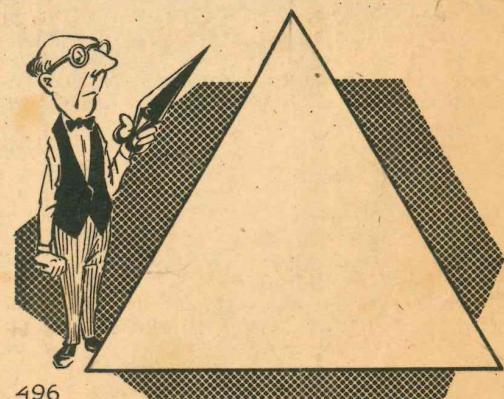
Mudando a posição de três fôstos, que formam este quadrado, consegue-se formar uma figura com o máximo de três quadrados. (Solução noutra página).

CURIOSIDADES

O Estado de Wisconsin (Estados Unidos) é célebre pela indústria de laticínios, especialmente pelos queijos, cujo total constitui metade da produção do país.



As formigas estão expostas, como as pessoas, a doenças produzidas por factores adversos. As formigas arrastam para os formigueiros todas as companheiras que encontram feridas. Se o insecto tiver possibilidades de cura, as companheiras dão-lhe alimentação.



496

O SR. SABICHÃO

Este nosso amiguinho consegue, com três golpes de tâsoura, transformar este triângulo em seis triângulos rectângulos, todos iguais. Vamos tentar fazer o mesmo? (Solução noutra página).

TEMPO



PERGUNTA NATURAL...

- Papá que comem as baleias?
- Peixes pequenos, especialmente sardinhas!
- Mas como abrem essas latas?

Parece... mas não é



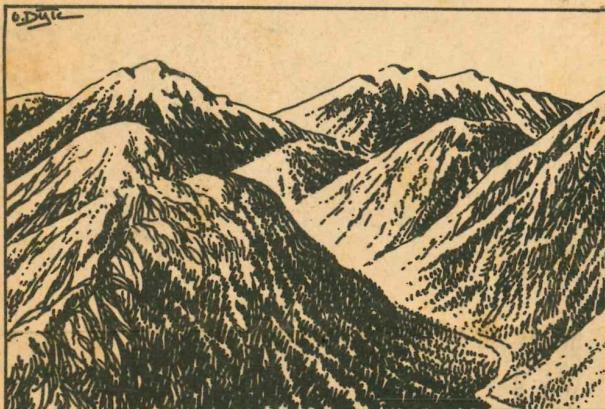
Estes dois desenhos, assim à primeira vista, parecem mesmo iguais... Mas... Pois é, não são!!!

Têm entre eles oito diferenças. Hoje como é domingo, vamos ter tempo de as descobrir...

(Ver solução noutra página)



maravilhas da natureza



196

«Foi sangrado». É uma expressão que ainda se usa, embora o seu sentido tenha sido alterado com o correr dos anos. Actualmente, se houver necessidade de se fazer uma extração de sangue, chama-se um médico, por ser um indivíduo com conhecimentos e portador de instrumentos adequados para realizar essa operação. Antigamente, como é natural, não havia esses instrumentos, ou, quando apareceram, as pessoas continuavam a não querer usá-los, recorrendo às sanguessugas para fazerem a extração do sangue. Estes vermes têm cerca de doze centímetros de comprimento e, quando colocados sobre um corpo humano, começam imediatamente a sugar-lhe o sangue. A sanguessuga usada medicinalmente tem uma substância, que evita a coagulação do sangue. Assim, o animal pode sugá-lo continuamente. Além disso, o sangue tem que lhe ser extraído imediatamente porque, de outro modo, o verme fica com reservas que lhe dariam para viver muitos meses.

Antigamente, podiam comprar-se sanguessugas nas farmácias e, hoje, ainda são muito requisitadas na América e na Ásia. No entanto, o seu número é, actualmente, reduzidíssimo, comparado ao passado. Com efeito, há 100 anos, os hospitais de Paris contavam cerca de seis milhões de sanguessugas.



197

O homem pode servir-se da Natureza de muitas maneiras, e fôicom os animais que ele aprendeu preciosas lições. Mas também é curioso notar que os animais, em certos casos, aprenderam a colher benefícios da criação do Homem. Ainda recentemente se descobriu que as andorinhas utilizam... túneis construídos pela técnica humana, quando migram para o hemisfério sul, no Inverno das regiões nortenhas. Muitas vezes, nesses grandes voos migratórios, elas transpõem altas montanhas, como os Alpes, por exemplo. Ora, para as aves que seguem estes ciclos, estas regiões levantam-lhes muitas dificuldades com as correntes de ar circulares que ali se geram. Mas as andorinhas descobriram o túnel do Monte Branco: na Primavera voam para o norte e, no Verão, debandam para as regiões meridionais. Apenas existe uma diferença entre elas e os homens. É que os últimos têm de pagar pela travessia do túnel.

PARABÉNS
VOCÊ



Fez ontem 7 anos um menino que nos dizem ser muito estudosos e bem comportado: o Fernando Cristino, que se encontra na Metrópole a passar férias, mas que decerto ainda esta semana irá ver a sua fotografia no jornal dos pequeninos, e que ele tanto gosta.

Pois sabemos que o Fernando passou um dia cheio de alegria, com muitos meninos, na grande festa que teve em casa dos avós, e com as primitas todas. Para ele vão os nossos parabéns não só pelo seu aniversário como também por ele já demonstrar ser um homenzinho. Para a sra. D. Teresa Coelho e seu marido o sr. Fernando Coelho, vão também os nossos parabéns.

Isabelinha, mas que lindos puxinhos que tu tens! Dizem-nos os teus lindos olhos azuis (todos todos, do papá) que és uma linda menina muito sossegadinho, e que gostas muito de brincar com a maninha, não é verdade? Então lá para Setembro lá temos a escola. Não haja dúvida que é uma grande maçada e que ficas com menos tempo para as tuas bonecas, mas sabes, se não aprenderes a ler não podes ler o Bambi, e ficavas uma menina feia. Mereces um grande beijo Isabel Maria pelos teus 6 anos que completaste no dia 20 do corrente e os nossos parabéns ao casal Lour.

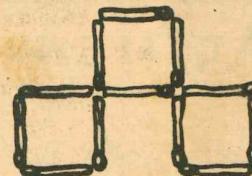
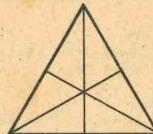
Para todos os aniversariantes amiguinhos do Bambi, vão os nossos parabéns e não se esqueçam de mandar as suas fotografias para o seu jornalzinho...



Soluções

Passatempo

Robinson Crusoe.



OITO DIFERENÇAS

1. Gráfico do lado direito
2. Letras da gaveta superior
3. Laço do cabelo da mulher
4. Jornal no bolso do homem
5. Frasco sobre o armário
6. Lápis na orelha do homem
7. Pé da mulher
8. Sapato do homem da direita.



Este quadro está incompleto, mas, se o menino o quiser completar, não tem mais do que unir as bolinhas pretas por traços, seguindo a numeração de 1 a 52.

ÚLTIMAS notícias DA PIPPI

Assim ia a Pippi quando embarcou, no aeroporto de Faro, no avião que a levou à Suécia. Interrogada sobre se tinha gostado do passeio que deu pelo nosso país, respondeu a tudo «Ya, Ya...» (sim, sim, pois...) e revelou que levava consigo um galo de Barcelos vivo para oferecer aos seus dois companheiros de aventuras, impedidos de a acompanharem por estarem com saímo. E prometeu voltar!



Dicko Dax

A ALIMENTAÇÃO MUNDIAL



RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES: O professor Chandétoile é um cão que se dedicou à ciência, e que está sériamente preocupado com a hipótese dos alimentos poderem vir a acabar no Mundo. Assim, temendo que os seres vivos possam vir a morrer, descobriu um produto que, tornando-os pequeninos, lhes reduz as necessidades e o consumo normal dos alimentos. Chandétoile revelou a sua descoberta a Dicko Dax que, ainda não completamente convencido, apesar de ter visto animais adultos metidos em frascos, voltou a casa muito aborrecido, debaixo dum grande chuvado. O cãozinho estava tão zangado por ter apanhado chuva que já nem ligava grande importância ao bocadinho de líquido que o seu amigo lhe deu...



— Brrrr... — resmungava Dicko Dax — só mesmo a mim é que acontecem destas desgraças. É mesmo o que se chama vida de cão! Olhem para isto: nem sequer um pelo seco... e tudo isto por causa do meu bom amigo Chandétoile. Quero lá saber do problema da alimentação mundial! Logo que não me faltam os biscoitos e o queijo! Bah!... Tretas para as fantasias do sábio! Vou mas é deitar-me, porque tenho a impressão de que estou a ficar doente.

Sem reflectir, colocou o frasco da fórmula mágica, na casa de banho, junto dum outro frasco contendo um remédio. Depois, enfiou um carapuço na cabeça envolveu o pescoço num agasalho e meteu-se na cama. Minutos mais tarde, transpirava por todos os poros. O nariz pingava e os olhos doçam-lhe intenso. Decididamente, Dicko não conseguia dormir.



— Ah... ah... ahtchim!... Aii... Só me faltava mais esta. Uma gripe! Dói-me tudo, o peito, a garganta, os olhos! Não posso! Estou doente! Ai que doente que eu estou, e nem sequer tenho um remédio para aliviar tanta dor!... Espera... Tenho, sim senhor, ainda tenho um resto de xarope!...

Sem forças, Dicko levantou-se e encaminhou-se para a casa de banho, a cambalear.

— Aii... A minha cabecinha! A minha pobre cabeçal! Como estou tão doente... — (CONTINUA)